



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

TAILANE SANTOS ANDRADE

**EDUCAÇÃO SEXUAL:  
Desafios e possibilidades nas práticas de ensino na Educação Infantil**

Amargosa-B  
a 2024

TAILANE SANTOS ANDRADE

**EDUCAÇÃO SEXUAL:  
Desafios e possibilidades nas práticas de ensino na Educação Infantil**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dra. Alice Costa Macedo

Amargosa-Ba  
2024

TAILANE SANTOS ANDRADE

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.


Aprovada em 21 /08/ 2024

**BANCA EXAMINADORA**



**Profª Dra. Alice Costa Macedo – Orientadora**  
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP)  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
(UFRB- CFP)


Documento assinado digitalmente

 **LARISSA ROLIM BORGES PALUCH**  
Data: 14/09/2024 10:10:26-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Profª Dra. Larissa Rolim Borges Paluch**  
Mestre e Doutora em Ciências Biológicas  
pela Universidade Federal do Paraná - UFPR

Documento assinado digitalmente

 **ERICA BASTOS DA SILVA**  
Data: 16/09/2024 15:01:15-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Profª Dra. Erica Bastos Da Silva**  
Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
(UFRB- CFP)

Amargosa-BA  
2024

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a Deus; sem ele eu não teria capacidade para desenvolver este trabalho. E também dedico todo este trabalho aos meus pais, pois é graças ao seu esforço que hoje posso concluir o meu curso.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha vida, e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram e incentivaram nos meus estudos e na minha vida. Agradeço por todo o amor, carinho e compreensão que me deram.

Aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho.

À minha orientadora, por ter desempenhado tal função com dedicação e aos professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso.

*“O educador se eterniza em cada ser que educa.”*

*Paulo Freire*

ANDRADE, Tailane Santos. **Educação Sexual:** Desafios e possibilidades nas práticas de ensino na educação Infantil. Monografia (Graduação em Pedagogia) Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB- Amargosa, 2024.

## RESUMO

A interconexão entre a sexualidade e o crescimento holístico de um indivíduo é amplamente reconhecida. No entanto, continua a existir uma resistência prevaiente à discussão deste tema, particularmente nas instituições de ensino. Muitos educadores sentem-se mal equipados ou desconfortáveis quando abordam o assunto, o presente trabalho buscou entender as dificuldades e as possibilidades de se trabalhar a educação sexual na educação infantil. Para levantar as informações necessárias, foi realizada uma entrevista semiestruturada com uma educadora de uma escola pública situada em Amargosa-Ba. Os resultados indicaram que os pais impedem significativamente o avanço da educação sexual nas escolas, juntamente com a preparação insuficiente dos educadores. Consequentemente, é urgente e essencial que as escolas criem um ambiente onde os alunos e suas famílias possam se envolver em discussões e reflexões sobre a importância da educação sexual. Além disso, enfatizamos a necessidade de programas de treinamento de professores incorporarem estudos sobre sexualidade e educação sexual em seus currículos.

**Palavras-chave:** Educação Sexual. Sexualidade. Educação Infantil.

## **ABSTRACT**

The interconnectedness between sexuality and an individual's holistic growth is widely recognized. However, there is still a prevailing resistance to the discussion of this topic, particularly in educational institutions. Many educators feel ill-equipped or uncomfortable when they approach the subject, the present work sought to understand the difficulties and possibilities of working on sex education in early childhood education. To gather the necessary information, a semi-structured interview was conducted with an educator from a public school located in Amargosa-BA. The results indicated that parents significantly impede the advancement of sex education in schools, along with insufficient preparation of educators. Consequently, it is urgent and essential for schools to create an environment where students and their families can engage in discussions and reflections on the importance of sex education. In addition, we emphasize the need for teacher training programs to incorporate sexuality studies and sex education into their curricula.

**Keywords:** Sex Education. Sexuality. Early Childhood Education.



## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**ES** – EDUCAÇÃO SEXUAL

**EI** - EDUCAÇÃO INFANTIL

**BNCC** - BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

**PCN** - PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

**MEC** - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>I. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>14</b>
1. Conceito De Educação Sexual E Sexualidade.....	14
2. A Importância Da Educação Sexual Na Educação Infantil.....	17
2.1 Os desafios de se ensinar a sexualidade na educação infantil.....	18
2.2 O papel do professor na educação sexual.....	21
<b>II. METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
<b>III. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>28</b>
<b>IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>39</b>

## INTRODUÇÃO

A Educação Sexual (ES) diz respeito ao corpo, ao autoconhecimento, à saúde, à compreensão da singularidade dos outros, à autopreservação e ao consentimento relativo a outras pessoas e aos seus próprios limites. Por outro lado, ainda hoje, em pleno século XXI, embora já existam inúmeros estudos e evidências indubitáveis da importância desta temática na educação, concepções equivocadas atravessam nossa sociedade, levando algumas pessoas a acreditarem que se trata de falar de sexo com criança, ou pior, de ensinar a ter relação sexual precoce. A maioria das famílias sente que não é responsabilidade da escola discutir esse assunto, por ser um tema do âmbito doméstico. No entanto, a maioria dos cuidadores acaba deixando o assunto de lado por não ver necessidade de dialogar com os filhos sobre isso, geralmente por não saberem como abordar, como conversar e escutar, ou por motivos de crença religiosa ou ideologia política.

De acordo com Figueiró (2019), “a educação sexual é ter acesso ao conhecimento sobre o corpo humano e a todas as questões ligadas, diretamente ou indiretamente, ao relacionamento sexual”. Por isso que esse tema tratado na escola pode ser visto como uma medida protetiva em relação à integridade física da criança de qualquer idade contra toda forma de violência e abuso. Em algumas vezes, a criança tem a escola como um local seguro, onde ela se sente à vontade para conversar sobre as coisas que acontecem com ela, até mesmo em momentos de espontaneidade. E é dever do educador estar preparado para abordar o assunto.

A ES no ambiente escolar tem como foco a formação de pessoas e a capacitação da sociedade para o exercício da cidadania, inclusive na defesa e promoção de outros direitos. Assim, “a escola está sendo a instituição mais indicada pelas autoridades educacionais, pelos especialistas e pela sociedade em geral como sendo o campo fértil e ideal para se dar Orientação Sexual” (Ribeiro, 1990, p. 31).

Ribeiro (2002) adverte que os alunos podem trazer referências distorcidas, dúvidas, angústias e fantasias que talvez levem a visões depreciativas sobre a sexualidade. Mais uma vez, a escola fez questão de proporcionar aos alunos espaços adequados de esclarecimento para que pudessem absorver novos conceitos e superar ansiedades, medos e culpas.

Fica evidente a importância de falar sobre Sexualidade na Educação Infantil (EI), pois é na escola que serão desconstruídos esses múltiplos significados sobre a sexualidade e que envolvem mitos, crenças, tabus, preconceitos, comportamentos, concepções religiosas, tentativas de reduzi-la a sinônimo de genitalidade, adoecimento e reprodução.

Atualmente, a situação mudou, mas ainda se vê a dificuldade da sociedade em falar sobre a ES, principalmente com as crianças. Por isso, esta pesquisa é de extrema importância para mim, porque foi no meu primeiro semestre, no componente de Psicologia e Educação com a prof.<sup>a</sup> Alice Macedo que fizemos um trabalho sobre o tema e, nesse processo de construção, pude perceber a falta de abordagem sobre a sexualidade na sala de aula.

Depois desse incrível trabalho feito com o meu grupo, passei a me interessar mais ainda pelo tema e foi aí que decidi fazer essa monografia para investigar quais os desafios e possibilidades nas práticas de ensino sobre educação sexual na educação infantil (EI), no município de Amargosa-BA.

Como objetivos específicos, buscou-se pesquisar as possibilidades de ensino sobre educação sexual na EI; investigar os desafios em sala de aula ao se trabalhar a educação sexual na EI e também entender a formação/preparação dos professores para tratar da educação sexual na EI.

O conteúdo foi organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, está apresentado um breve conceito sobre a Educação Sexual e a Sexualidade, no qual a educação sexual é um programa destinado a ensinar crianças e adolescentes sobre todos os aspectos da sexualidade (física, emocional e social), em que a sexualidade engloba identidade, emoções, subjetividades, corporeidades, autoproteção, alteridade, desejos, autoestima, o modo como vemos o mundo, a relação com o nosso próprio corpo, os papéis de gênero e o sexo propriamente dito.

No segundo capítulo, aborda-se a importância da educação sexual na educação infantil, com os seguintes subtópicos: os desafios de se ensinar a sexualidade na educação infantil e o papel do professor na educação sexual.

No terceiro capítulo, está descrita a metodologia utilizada no desenvolvimento do trabalho, incluindo a organização da escola e educadoras para a coleta dos dados,

apresentação do modelo da entrevista aplicada e como estes dados foram trabalhados e analisados.

## I. REFERENCIAL TEÓRICO

### 1. CONCEITO DE EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE

A educação sexual (ES) é mais do que explorar conceitos e exemplos de sexo ou desejo. Quando falamos de sexo, assumimos que se trata de relacionamentos íntimos e afetivos (Moizés; Bueno, 2010) porque é baseado no amor, na intimidade, nos sentimentos, nas emoções e no bem-estar. Portanto, para proporcionar uma educação sexual eficaz, é importante ter em mente que a educação sexual não se limita ao comportamento sexual. A ES aborda melhor a sexualidade de forma social e cultural, abrangendo saúde reprodutiva, relações de gênero, relacionamentos, corpo e autoestima, pois tem história, cultura, perspectivas éticas e políticas, que incluem corpo, espírito, emoções e razão (Santos, 2001).

De acordo com Maia e Ribeiro (2011, p.75-76):

A sexualidade é um conceito amplo e histórico. Ela faz parte de todo ser humano e é representada de forma diversa dependendo da cultura e do momento histórico. A sexualidade tem componentes biológicos, psicológicos e sociais e ela se expressa em cada ser humano de modo particular, em sua subjetividade e, em modo objetivo, em padrões sociais que são aprendidos e apreendidos durante a socialização.

Entende-se que a sexualidade envolve aspectos biológicos, psicológicos, culturais e sociais que se interrelacionam. E que a educação sexual não é ensinar sexo para crianças. Diferentemente disso, ao ensinarmos educação sexual para crianças e jovens, oferece-se compreensão sobre os limites, o saber dizer não, entende-se o que é violência sexual e depois, bem para frente com certa idade, eles saberão o que significam o sexo e o prazer. Os assuntos dependem muito da idade das crianças e adolescentes, educação sexual é um assunto sério e não baseado em suposições. Segundo Saito *et al* (2000, p. 45):

A educação sexual é, sim, um meio e não um fim, fazendo-se clara a necessidade de haver reflexão sobre as singularidades de cada faixa etária e sobre os fatores de risco. Para isto, talvez o primeiro passo seja reconhecer

a criança como ser sexuado e o adolescente desvinculado dos estereótipos que o ligam à liberação dos costumes, ao erotismo excessivo e à promiscuidade; é igualmente importante não encarar a sexualidade como sinônimo de sexo ou atividade sexual, mas, sim, como parte inerente do processo de desenvolvimento da personalidade.

Compreende-se que o tema precisa estar adequadamente visível para todos. A sexualidade é uma parte normal da natureza e da humanidade, mas em muitas sociedades é considerada um tabu e, ao longo de gerações até hoje, ainda é assim que muitas pessoas veem o assunto.

Figueiró (2001) defende que a relevância da educação sexual reside especialmente na possibilidade de desenvolver sujeitos preparados para a vida, que saibam se posicionar criticamente para existir de forma autônoma e completa. Para a autora, o desafio do ensino deve ser uma extensão saudável da sexualidade do indivíduo, para que ele se sinta mais feliz e transfira esse prazer para a esfera sexual, beneficiando assim sua saúde e sua vida social.

Nesse sentido, as escolas tornam-se um ambiente adequado quando consideramos a necessidade da educação sexual no processo educativo de crianças e adolescentes. As diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que a educação sexual nas escolas une a psicologia educacional prática com a formação da humanidade, e observa-se que as instituições de ensino, ao definirem a educação sexual como uma de suas competências, precisam incluir esse tema em seus programas educacionais, o que significa desenvolver princípios que norteiam esse trabalho no ambiente escolar (Brasil, 1998).

No entanto, no último documento normativo do governo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) tem uma proposta completamente diferente dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Enquanto os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998) indicavam que o trabalho da ES deveria começar na educação infantil e ser adaptado para cada nível educacional, no dia 6 de abril de 2017, o Ministério da Educação (MEC) retirou do documento da BNCC os termos "orientação sexual" e "gênero", bem como as abordagens temáticas relacionadas à Educação Sexual nas séries iniciais. Essa variação de um documento para outro representa um retrocesso para a Educação Brasileira e pode tornar as escolas menos interessadas em trabalhar esse tema (Fernandes; Lorenzetti, 2019).

Para avançar é necessário e urgente rever os documentos acima que apontam questões excludentes. Portanto, segundo Hernandez (2016), contrariar as discussões sobre sexualidade nas escolas servirá para reforçar os “padrões” heterossexuais, preconceituosos, conservadores e negligentes à proteção da infância, cujos formatos não são mais atendidos pela contemporaneidade.



## 2. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O tema sexualidade na educação infantil vem cada dia mais ganhando espaço nas pesquisas científicas e discussões. É fundamental para a formação da personalidade da criança, pois é uma necessidade humana básica estritamente ligada aos pensamentos e ações de cada indivíduo.

As crianças são criaturas capazes de incorporar valores e expressões culturais transmitidas de geração em geração. Estas são transmitidas nos espaços de educação infantil através da forma como se apresentam, dos seus olhares, dos seus toques, das suas expressões de emoção e das suas atitudes espontâneas à medida que crescem e se desenvolvem. O trabalho de educação sexual nos currículos da educação infantil torna-se, portanto, importante e fundamental, e as práticas dos educadores relevantes para acolher a diversidade.

De acordo com Figueiró (2019) “A educação sexual é ter acesso ao conhecimento sobre o corpo humano e a todas as questões ligadas, diretamente ou indiretamente, ao relacionamento sexual”. Por isso é importante incluir a educação sexual na formação de uma criança de forma natural, pois ela já carrega consigo os valores propostos pelo grupo em que está inserida, o que nos mostram que a construção da identidade se dá durante a infância. Não se pode falar de sexualidade sem associá-la às diferenças de competências, conhecimentos, gênero, grupos étnicos, crenças religiosas e tipo físico.

A inclusão da educação sexual no currículo escolar exige que os envolvidos no processo se aprofundem no assunto, pois historicamente ele foi repleto de convencionalismos e inserções. A sexóloga Marta Suplicy, desde a década de 80 do século XX já discutia essa perspectiva:

É no lar que o ser humano deveria ter sua primeira educação sexual, pois uma criança falante e curiosa pode começar a mostrar interesse pelo sexo aos dois ou três anos, mesmo sem o uso da palavra. Mas a maioria o fará com quatro ou cinco anos de idade (Suplicy, 1983, p. 36).

Nessa fase a criança quer saber muito pouco, não há necessidade de explicar os detalhes, mas não se deve mentir e muito menos brincar com a temática sem conversar. A melhor maneira é explicar o básico em uma linguagem que eles

entendam. E as perguntas devem ser respondidas da forma mais natural possível. Se os pais a repreenderam, a criança nunca mais perguntará e permanecerá tão curiosa quanto antes até chegar ao estágio de descoberta.

Se uma criança não tem explicação sobre questões relacionadas à sexualidade desde cedo, se ela não compartilha seus medos e ansiedades com seus pais, se seus pais não a apoiam em suas descobertas, ela definitivamente vai ser um adolescente cheio de dúvidas, buscadores por meio de diários e conversas com amigos que entendem o processo e provavelmente com um adulto com complexos. "A sexualidade infantil estabelece as bases para a sexualidade na adolescência e para a sexualidade na vida adulta" (Fagundes, 1995, p. 42).

Portanto, pais e educadores devem saber que a educação sexual adequada desde a infância promove o desenvolvimento de uma pessoa mental e fisicamente saudável. Você aprende a respeitar a individualidade e a orientação sexual de cada um, pois o mais importante é viver respeitosamente e estar bem consigo mesmo.

Segundo Fagundes (1995, p. 41):

É preciso criar oportunidades para que as pessoas reflitam sobre suas ideias, sentimentos e conflitos na área da sexualidade e envolvem a totalidade do seu ser na reinterpretação e reconstrução da realidade.

Pois assim o indivíduo tem maiores chances de se tornar um ser maduro o suficiente para saber lidar com cada novo momento, cada problema de forma consciente e segura.

## **2.1 Os desafios de se ensinar a sexualidade na educação infantil**

A sexualidade é um dos assuntos que mais traz dificuldades, problemas e desafios aos pedagogos em seu cotidiano de trabalho. Com isso, os professores devem estar em constante capacitação para buscar conhecimento para promover uma abordagem eficaz que melhore a qualidade de vida de seus alunos não só no ambiente escolar, mas em todas as posturas e comportamentos, incluindo a idade adulta.

Portanto, o tema da sexualidade é central para a formação contínua de professores. Segundo Camargo e Ribeiro (1999), um aspecto que deve ser

abordado nessa formação diz respeito à perspectiva teórica e metodológica da educação sexual:

Os currículos dos cursos de formação de professores e professoras deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana, despertando possibilidades do corpo e das emoções. Conhecer a sexualidade não significa aprender a estrutura dos genitais. Educação sexual centrada na genitalidade advém de uma educação que disciplina, organiza e concentra o prazer nos genitais; assim procedendo, anestesia o resto do corpo (Camargo; Ribeiro, 1999, p.50).

Segundo Saito (2000), não devemos basear a ES na explicação de métodos contraceptivos e prevenção de doenças, mas sim, lembrar a sociedade de respeitar o próprio corpo e o de quem está ao seu redor, o que tem um papel importante na formação da cidadania.

Isso nos faz pensar em como trabalhar com nossos filhos para destruir estereótipos arraigados na sociedade, para que eles se reconheçam e possam abrir suas mentes para as novas possibilidades em que vivemos, aceitando e respeitando a nós mesmos, assim como escolhas e qualidades do outro. Com isso, precisamos trazer casos reais para a sala de aula e mostrar o quanto é importante acabar com esse preconceito e disseminar a ideia da diversidade.

Conforme Ribeiro (1990, p. 20), “o educador sexual deve, antes de qualquer coisa, acreditar em sua proposta, na necessidade de se levar para a sala de aula o debate sobre sexo e sexualidade”. Assim sendo, é:

[...] necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de produção de conhecimento a partir dessa prática, se possível contando com assessoria especializada. (Brasil, PCN, 1997, p. 303).

No entanto, faltam cursos de aprimoramento e aprofundamento teórico-reflexivo voltados para professores, com a finalidade de subsidiar a prática para trabalhar com os alunos, pois a maioria não está preparada para conduzir discussões sobre sexualidade e muitas vezes adota atitudes discriminatórias.

Como diz Souza *et al* (2017), muitos professores reconhecem a importância de enfatizar a educação sexual no processo de aprendizagem dos alunos. No entanto, devido à falta de capacitação, ainda não se sentem seguros para discutir sexualidade na escola. Figueiró (2006) também afirma que há necessidade de formação específica para os educadores e principalmente na área da sexualidade.

[...] creio que a temática “sexualidade” pode ser um ponto capital na formação continuada, ou seja, no exercício de busca de crescimento pessoal e profissional do professor. Penso que se a formação continuada for desenvolvida tendo como centro a sexualidade, poderá haver significativo progresso no relacionamento professor-aluno e em todo o processo de ensino e aprendizagem. Ainda, especialmente, poderá haver significativo progresso no trabalho do professor, pois, refletir sobre questões ligadas à sexualidade e à educação sexual contribui sobre a maneira para repensar o papel do professor (Figueiró, 2006, p. 93-94).

É a escola que possui ferramentas pedagógicas necessárias para o desenvolvimento humano e para minimizar problemas como abuso sexual, preconceito de gênero, gravidez na adolescência e disseminação de doenças sexualmente transmissíveis (DST's).

O próprio tema sexualidade tem o poder de fazer pais e professores pensarem muito, até porque discutir ES na sala de aula com as crianças da educação infantil é um tema que a maioria dos pais considera imoral, mas é muito importante ressaltar isso, pois as crianças estão em constante mudança. É normal que elas sejam curiosas, então os pais não querem falar sobre isso com frequência.

Mas apesar da necessidade de uma formação específica para trabalhar com a sexualidade, Maia (2003) alerta que um dos entraves para a implantação de programas de ES nas escolas é que os professores, além do despreparo, possuem valores preconcebidos, moralistas e enraizados sobre a sexualidade.

A educação como um todo é um processo de mudança, diante do qual o professor não pode ser apenas um mediador. “Não só na escola, mas também na

própria formação dos professores, há influência do poder hegemônico na elaboração do currículo” (Portela, 2013, p. 167). Nota-se que a aprendizagem deve ser crítica e contínua, pois o professor é o protagonista do processo ensino-aprendizagem, que pode mudar o aluno por meio de sua ideologia.

## **2.2 O papel do professor na educação sexual**

O papel da escola deve ser educar plenamente os indivíduos para que possam compreender a condição humana e, dentro desta, ter vivências sexuais realizadoras futuramente (Nunes; Silva, 2000). No entanto, continua ele, é notável a resistência da escola em aceitar a sexualidade como parte da educação global do aluno.

Na prática, as escolas não têm espaço para discutir este tema em profundidade. Nas palavras de Guimarães (1995), a perspectiva globalizada sobre o tema sexo e a escola demonstra que essa relação é negativa, pois os profissionais que atuam nas escolas não conseguem se posicionar sobre a sexualidade humana de sua profissão, essa tarefa é depois delegada a outros indivíduos. Werebe (1998) afirma que os professores, independentemente da disciplina que abordam, têm uma ação no campo da educação sexual que é consciente ou inconsciente.

“A proposta [...] para orientação sexual, de acordo com os PCNs, é que a escola trate da sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas” (Brasil, 1998, p. 67). Como resultado, estes parâmetros derivam da ideia de que as escolas devem reconhecer a sexualidade como um componente vital do indivíduo em sociedade, sendo o objetivo principal a criação da cidadania. Esta proposta representa um passo significativo para a inclusão da sexualidade no ambiente educacional. Maistro (2006) afirma que os PCNs sugerem que as escolas considerem o seu currículo e as necessidades da sua comunidade escolar em relação à realidade, devendo diversificar as práticas pedagógicas dos seus educadores, pois têm o potencial de romper as limitações da atuação dos professores em relação às atividades formais e ampliar o leque de formação possível aos alunos.

Os especialistas reconheceram que uma das maiores barreiras à implementação de programas de orientação sexual nas escolas é a falta de

preparação dos professores (Maia, 2004; Nunes; Silva, 2000; Oliveira, 2000; Reis; Ribeiro, 2002; Santos; Bruns, 2000; Figueiró, 2006).

Guimarães (1992), Figueiró (2006) e Maya (2003) acreditam que esse despreparo se deve à formação insuficiente desses profissionais na abordagem das questões sexuais, pela falta de conhecimento necessário para intervir diretamente no seu trabalho com os alunos quando o assunto é levantado. Por falta de preparo, é difícil que as pessoas percebam que a sexualidade é uma parte natural da educação (Oliveira, 2000). Como explica Gavidia (2000, p. 24), muitos professores não estão preparados ou confortáveis para trabalhar com a educação sexual:

[...] existem professores que afirmam que sua tarefa exclusiva na escola consiste em ensinar certos conteúdos conceituais e não têm por que se preocupar se seus alunos escovam bem ou mal os dentes [...] essa situação de desprezo às matérias transversais, às vezes torna patente um defeito no trabalho profissional dos professores.

Frison (2002) argumentou que os professores não sabem lidar com o tema sexualidade porque o assunto não é sequer mencionado em sua formação, mas independente da área de formação, os professores devem estar comprometidos em garantir que essa temática seja abordada. Eliminar ou pelo menos mitigar preconceitos relacionados à sexualidade e melhorar o conhecimento geral dos alunos sobre o assunto para que cada pessoa viva sua sexualidade de forma adequada e única. Suplicy (1983) acredita que o objetivo da educação sexual nas escolas é proporcionar aos professores uma preparação adequada para ajudar os alunos a superarem suas dúvidas, ansiedades e apreensões sobre o assunto.

Para isso, é igualmente necessário reconhecer que, em primeiro lugar, lidar com a sexualidade nas escolas exige a reeducação dos profissionais da educação que estão em contato direto com crianças e jovens. De acordo com Gagliotto & Lembeck (2011), a reeducação deve buscar fundamentos teóricos e científicos que discutam e debatam a sexualidade humana numa dimensão histórica, antropológica, filosófica, biológica, psicológica e pedagógica. Isso ajudará a compreender e a ter um relacionamento que contribuirá para o seu desenvolvimento. Por isso, é importante investir na formação de professores para que tenham uma abordagem consistente no tratamento de questões e dúvidas durante o processo de ensino-aprendizagem.

O educador tem um papel significativo no processo de desenvolvimento das crianças, mas mesmo quando o educador expressa a sua sexualidade em termos de valores, crenças, opiniões e sentimentos, ainda terá um grau limitado de liberdade associado a eles. Ao se deparar com situações, dúvidas e curiosidades, o educador terá que lidar com elas. A sexualidade está na escola, faz parte dos sujeitos e não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir”, conclui Louro (2008, p. 81).

## II. METODOLOGIA

Para obter uma compreensão mais eficaz sobre como os educadores abordam a questão da sexualidade na educação infantil, quais os desafios e se a maneira como trabalham é relevante para seus processos formativos sobre o assunto. Foi feita uma pesquisa baseada numa abordagem qualitativa. Godoy (1995, p. 58) descreve a pesquisa qualitativa como uma metodologia que:

[...] Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Foi uma pesquisa qualitativa, de perfil exploratório e corte transversal, que incluiu trabalho de campo, entrevista semiestruturada e reflexões teóricas com base na revisão bibliográfica.

### ***Locus de Pesquisa***

Para desenvolver a pesquisa, foi utilizado o método do estudo de caso em uma creche escola municipal da educação infantil de uma cidade de pequeno porte no Recôncavo da Bahia.

### ***Participantes***

Participou deste estudo uma professora da Educação Infantil, da rede pública da cidade de Amargosa no Recôncavo da Bahia.

### ***Procedimentos***

A técnica de coletar dados qualitativos usada foi o modelo de entrevista. Para Selltiz *et al* (1967, p. 273):

Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem,



esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes.

O acesso à professora foi realizado a partir do contato com a gestão da escola. A entrevista foi gravada mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e de acordo com a anuência da interlocutora, assim como foi integralmente transcrita, de modo que a gravação foi absolutamente excluída de qualquer suporte tecnológico, por cuidados éticos. Foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada (Triviños, 2011), em anexo neste trabalho de conclusão de curso.

A interlocução ocorreu em um dia de visita de campo da pesquisadora à escola onde as professoras trabalham. O dia da visita foi também oportuno para a realização de uma observação participante com registros em notas de campo (LAPLANTINE, 2004), a saber: descrição do cenário escolar, apontamentos e registros sobre seus atores (crianças, docentes, servidores e gestores) e a ação (o cotidiano e a dinâmica daquele dia na escola). Ao longo da entrevista, o diário de campo foi de grande utilidade para tomar notas acerca de aspectos corporais, gestuais e comportamentais.

### **Análises**

Nesta seção, apresentamos o modo como as anotações e discussões serão analisadas. O corpus de análise é composto por estudos realizados desde o início do curso sobre a presente temática, entrevista, conversas informais, anotações em cadernos de campo, observações de gestos e expressões.

Ao relatar o processo de análise qualitativa do estudo empírico, Minayo (2010) nos traz as seguintes reflexões:

[...] uma análise para ser fidedigna precisa conter os termos estruturantes da investigação qualitativa que são os verbos: compreender e interpretar; e os substantivos: experiência, vivência, senso comum e ação social. A análise propriamente dita pressupõe demonstrar como o objeto, que já vem pensando em todas as etapas anteriores, deve se tornar um construto de segunda ordem, em que predomine a lógica dos atores em sua diversidade e não apenas as suas falas, dentro de uma narrativa teorizada, contextualizada, concisa e clara. O percurso analítico e sistemático, portanto, tem o sentido de tornar possível a objetivação de um tipo de conhecimento que tem como matéria prima opiniões, crenças, valores, representações, relações e ações humanas e sociais sob a perspectiva dos atores em intersubjetividade. Desta forma, a análise qualitativa de um objeto de investigação concretiza a possibilidade de construção de conhecimento e possui todos os requisitos e

instrumentos para ser considerada e valorizada como um construto científico (p. 06).

Avaliando escolhas metodológicas para a pesquisa qualitativa, buscamos, como método analítico, seguir o princípio da hermenêutica-dialética, a partir da premissa de que as interpretações são sempre análises aproximadas da realidade e devem ser abrangentes e contextualizadas em relação aos indicadores qualitativos a partir dos significados que lhes são atribuídos pelos participantes. Além disso, consideram-se os discursos no contexto histórico de sua composição.

Nessa atual fase de pesquisa, interessam-nos os insights teóricos de Romeu Gomes (2001), que sugere o trabalho de análise a partir do agrupamento de categorias: tal método analítico "envolve o ato de agrupar vários elementos, ideias ou expressões sob um conceito unificador" (p.70). Gomes enfatiza que essas categorias podem ser estabelecidas antes da realização do trabalho de campo, durante a fase exploratória da pesquisa, ou podem ser derivadas do próprio processo de coleta de dados (Idem). O autor também fornece princípios para classificar e organizar essas categorias em conjuntos:

1- [...] o conjunto de categorias deve ser estabelecido a partir de único princípio de classificação; 2-[...] um conjunto de categorias deve ser exaustivo, ou seja, deve permitir a inclusão de qualquer resposta numa das categorias do conjunto; 3- [...] as categorias do conjunto devem ser mutuamente exclusivas, ou seja, uma resposta não pode ser incluída em mais de duas categorias (p. 72).

As categorias que orientaram o processo investigativo a que nos referimos foram estabelecidas anteriormente ao recente trabalho de campo. A fundamentação teórica que orientou o desenvolvimento do problema e da hipótese de pesquisa também influenciou as categorias apresentadas a seguir.

- 1) A educação sexual no ambiente familiar
- 2) A educação sexual sob o olhar da gestão escolar
- 3) Desafios e possibilidades

Em seguida, iniciaremos as análises e discussões, remontando as fases iniciais de nossa pesquisa.

### III. RESULTADOS E DISCUSSÕES

#### 1 A Educação Sexual no ambiente familiar

Iniciamos a análise e discussões, retomando as primeiras etapas do tema da presente pesquisa que foi no primeiro semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia, na UFRB/CFP, no componente de Psicologia e Educação no ano de 2019. A professora da disciplina fez uma proposta de pesquisa para a turma, cada grupo escolheu um tema, e o meu grupo escolheu pesquisar sobre “A educação sexual no ambiente familiar”, o objetivo da pesquisa foi entender como que o tema sexualidade era abordado dentro de casa e na escola. Participaram do estudo três pessoas de faixas etárias diferentes (16, 32 e 50 anos). Para obtenção dos dados, na ocasião, utilizou-se entrevista semiestruturada.

De acordo com a entrevista realizada, quando os interlocutores foram questionados se os pais falavam sobre sexualidade dentro de casa, os mesmos responderam “não... nunca falaram e não podiam falar”.

Ao analisar a resposta, foi possível entender que, no contexto brasileiro, ainda tem sido considerado um tabu permeado de princípios morais e preconceitos, em que crianças e adolescentes se sentem reprimidos em expor as suas dúvidas e expectativas em relação à sexualidade. Talvez a maior dificuldade das famílias em lidar com a sexualidade esteja ligada ao fato da sociedade associá-la à obscenidade, a algo sujo, pecaminoso e proibido (Moisés; Bueno, 2010).

A suposição de que as crianças são “assexuadas” continua a prevalecer, destacando a contínua falta de educação sexual no ambiente familiar (Tiba, 1994; Trindade; Bruns, 1999). A psicanálise freudiana, desde os primeiros estudos de seu precursor, entende que a sexualidade é elemento constituinte da personalidade humana, desde a mais tenra infância (Freud, 1905).

Embora tenha havido casos de maior abertura em certas áreas da nossa sociedade nos últimos anos, a sociedade ainda vê a sexualidade como algo que pertence exclusivamente aos adultos, resultando em esforços para regular a conduta sexual de crianças e adolescentes. É importante considerar que a educação sexual deve ser feita de forma a construir conhecimentos desprovidos de qualquer tipo de ideia de que a sexualidade é impureza ou coisa pecaminosa.

Compreende-se que o trabalho educativo deve tratar a sexualidade humana resgatando-a de maneira sadia e respeitosa.

O trabalho de educação sexual implica a discussão de questões sociais, éticas e morais. Sendo assim, as relações entre liberdade, autonomia e respeito à intimidade devem estar presentes em todo o trabalho educativo e, principalmente, naqueles que tratam da sexualidade. (Camargo; Ribeiro, 1999, p. 40).

Compreende-se que o papel integral da família na formação dos indivíduos é amplamente reconhecido e a sua colaboração com as instituições educativas desempenha um papel crucial na promoção do crescimento dos alunos. Segundo Nunes e Silva (2000, p. 113), é imperativo que pais e educadores unam esforços no dever comum de preparar e assimilar as gerações mais novas, através da escuta, do respeito, diálogo e acolhimento.

Portanto, entende-se que é imperativo que os membros de uma família reconheçam que a sexualidade é uma característica inerente que pertence a pessoas de todas as idades. Para garantir uma compreensão saudável das suas próprias identidades sexuais, é vital que as crianças e os adolescentes se envolvam em conversas honestas e diretas. Esta abordagem permite-lhes navegar nos seus encontros sexuais com respeito, dignidade e responsabilidade.

### 1.1 Educação Sexual: Sob olhar da gestão escolar

Como abordado anteriormente, a educação sexual é, ainda, um tabu na sociedade contemporânea, embora em um nível menos avançado do que já foi. Visando compreender mais essa problemática, retomei o tema da sexualidade na educação no ano de 2022, no componente de Gestão do Trabalho Pedagógico em ambientes escolares na UFRB/CFP, sob a orientação do professor Djeisson Ribeiro.

Escrevi uma pesquisa de estágio com o tema "Educação Sexual sob o olhar da gestão escolar". O estágio foi realizado no Centro de Educação Infantil José Eduardo Vieira Ribeiro – Tio Zezéu, na cidade de Amargosa no estado da Bahia, em uma escola de ensino da pré-escola municipal, as quais englobam alunos de quatro aos cinco anos. Para obter uma compreensão mais eficaz sobre como a gestão aborda a educação sexual no âmbito escolar e identificar os desafios que a impedem de realizar

trabalhos com a educação sexual, foi utilizada a metodologia de uma pesquisa qualitativa, convite de participação a uma gestora escolar, planejamento de uma entrevista, a partir de um roteiro com cinco perguntas, com uso de um gravador de áudio como instrumento de coleta de dados.

Infelizmente não foi possível realizar a entrevista: no primeiro contato com a gestão escolar foi apresentada a ideia do projeto e a mesma aceitou participar. Na semana seguinte foi entregue um termo de compromisso de estágio e marcada a data da entrevista, mas no dia marcado fui informada que não seria possível fazer naquele momento e a coleta de dados foi remarcada. Na data prevista, pela segunda vez consecutiva, foi desmarcada a entrevista. Foram tantas tentativas de diálogo que, no final, não consegui fazer a entrevista porque falaram que a gestão tinha muita demanda e não iria poder participar da entrevista.

A partir da realização desta pesquisa, ficou clara a dificuldade da escola de abordar o tema, falar sobre a perspectiva da educação sexual e gravar uma entrevista a respeito do assunto. Desse modo, supõe-se que a gestão da escola foi driblando todas as tentativas de contato em uma expressão de evitação da temática.

Deve-se ressaltar, portanto, a necessidade de tornarmos a sexualidade um sinônimo de solução e não de problemática, tendo a educação sexual como fator gerador para isso, passando pela capacitação dos gestores e envolvimento da comunidade, até chegarmos ao ponto em que toda sociedade desfrute desse processo educativo e conscientizador. Afinal, a educação, em seu contexto amplo, abre nossas mentes, liberta-nos de receios e do medo do desconhecido, empoderando-nos para agirmos e tomarmos decisões e escolhas conscientes.

## 1.2 Desafios e possibilidades

Neste subcapítulo, buscou-se entender a dificuldade e a possibilidade de trabalhar a educação sexual na escola infantil municipal “Rachel Vaz Sampaio” em Amargosa, Bahia. O estudo foi realizado com a colaboração de uma professora de educação infantil, do sexo feminino, 40 anos, e docente da escola. Em termos de formação profissional, conta com 17 anos de experiência formativa e 23 anos de experiência em educação infantil.

Durante a entrevista, na visão da professora, um dos desafios enfrentados pela implementação da educação sexual nas escolas é a resistência dos pais à educação sexual. A professora acredita que há um conjunto de valores e ideologias por trás, e que também não se sentem confortáveis em delegar essa missão de tecer a formação em educação sexual dos filhos na escola.

Ao analisar a resposta da professora, ficou evidente que os pais ainda nutrem receios de que seus filhos discutam ou tenham acesso a informações referentes à sexualidade. Eles acreditam firmemente que seus filhos ainda não estão preparados para lidar com tal assunto. Levando isso em consideração, Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013) argumentam que é imperativo que os adultos responsáveis (sejam pais, responsáveis, educadores ou profissionais de saúde) reconheçam que a sexualidade é um aspecto inerente à natureza humana, presente em todos os aspectos e fases da vida. Consequentemente, entende-se que não existe uma idade específica em que as discussões sobre sexualidade devam ser iniciadas. Porém, é fundamental abordar o assunto por meio de diversos métodos, sempre com honestidade e calma.

Além disso, a ausência de comunicação aberta leva muitas famílias a sentirem-se inseguras sobre a informação transmitida aos seus filhos, expressando frequentemente a sua oposição à inclusão da Educação Sexual nas instituições educativas. Figueiró (2006) esclarece esse ponto ao afirmar:

Alguns pais preocupam-se, justamente, por temer que os professores passem, para seus filhos, os valores que eles, professores, defendem. Assim, por exemplo, pais conservadores, que defendem a virgindade até o casamento (para as filhas, na maioria das vezes), temem que professores possam pregar valores divergentes, incentivando, no caso, o sexo antes do casamento. O contrário também pode acontecer, ou seja, pais que pretendem que seus filhos sejam livres para decidir, com responsabilidade, sobre sua vida sexual, temem que professores conservadores venham lhes inculcar ideias de pecado. Teriam direito, os professores, de influenciar seus alunos com seus valores pessoais sobre o que consideram certo ou errado? Certamente que não; cabe a eles criar oportunidades várias, de reflexão, para que os alunos pensem e discutam com os colegas, a fim de que formem sua própria opinião sobre sexo pré-matrimonial, masturbação, homossexualidade e aborto, entre outros. Cabe também ao professor, fazer com que os alunos tenham acesso a informações claras, objetivas e científicas sobre a sexualidade (p. 143).

Ao questionar se a educação sexual deveria ser introduzida na infância, a professora afirma a importância dessa educação. No entanto, ela expressa seu desconforto pessoal de não estar instrumentalizada em abordar o tema dentro do ambiente de sala de aula. O único caso em que a questão é abordada na escola é durante a campanha anual “Combate à Exploração Sexual Infantil”, realizada em Maio. Durante esta campanha, a creche exibe um símbolo de bandeira levantado como indicação visível de sua adesão ao calendário. No entanto, não há aulas ou palestras específicas ministradas aos pais.

Compreende-se a importância e a experiência necessária para abordar eficazmente a sexualidade infantil. Nunes e Silva (2000, p. 68) afirmam a necessidade de reavaliar a formação de professores, pois eles desempenham um papel crucial na formação da educação oferecida às crianças e aos adolescentes. Sem uma base sólida de conhecimento, mesmo os professores mais entusiasmados terão dificuldade de causar um impacto significativo, resultando num atraso no progresso ou mesmo na regressão. Portanto, é imperativo priorizar a formação de professores para facilitar uma orientação eficaz sobre a sexualidade humana. Contudo, é importante que os pais reconheçam que, embora a escola desempenhe um papel vital na educação sexual, não deve ser a única responsável. A escola é apenas uma das instituições sociais que contribuem para o desenvolvimento de conhecimentos alinhados às experiências da vida real. A família não deve delegar esta responsabilidade inteiramente à escola. É importante lembrar que os pais são os primeiros educadores sexuais dos filhos, pois compete também à família a abordagem do tema, pois ela é uma instituição social permanente na vida do indivíduo, de grande relevância na formação das crianças e dos jovens (Bié et al, 2006).

Quando questionada sobre a viabilidade de incorporar a educação sexual no currículo, a professora reconheceu a sua possibilidade. No entanto, ela destacou que o problema subjacente pode residir na formação inadequada dos professores. A discussão então mudou para o papel da administração na abordagem deste assunto. Foi sugerido que fornecer incentivos para que os professores participem em cursos relevantes e em formação contínua poderia ser uma contribuição valiosa. No entanto,



foi enfatizado que o encargo de tais iniciativas poderia vir dos programas municipais e escolares.

Observou-se que a resposta da professora destacou a importância de um curso ou formação continuada para trabalhar com a ES, pois o tema sexualidade representa um desafio para ela. Portanto, é fundamental que os educadores passem por uma formação contínua para estarem mais bem preparados e qualificados. Isto é particularmente importante porque os professores precisam estar equipados com estratégias pedagógicas adequadas e eficazes para realizarem as suas atividades com sucesso.

Assim, propõe-se que a orientação sexual oferecida pela escola seja abordada. As repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, com as crianças e os jovens, trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança já possui e, principalmente, criar possibilidade de formar opinião a respeito do que lhe é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus. (Radespiel, 1998, p. 6).

Diante dessa perspectiva, é fundamental que a unidade escolar priorize a implementação de iniciativas de formação e qualificação de seus educadores, em colaboração com toda a administração, para estabelecer um espaço de preparação, compartilhamento de perspectivas e fomento à troca de conceitos inovadores. O aprimoramento das habilidades dos professores é fundamental para garantir uma orientação eficaz sobre a sexualidade humana. No entanto, é importante notar que este é apenas um dos vários esforços potenciais que podem ser empreendidos dentro da unidade escolar.

#### IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão da Educação Sexual nas escolas enfrenta inúmeras barreiras, incluindo tabus, preconceitos, falta de conhecimento e desinformação. Estes obstáculos podem surgir de diversas fontes, inclusive dentro de famílias que evitam discutir o tema e têm opiniões contrárias à sua inclusão nas escolas. Ao fim do presente estudo, que foi concebido com o objetivo de analisar a importância do ensino da Educação Sexual nas escolas, bem como refletir sobre os principais desafios para sua devida aplicação.

Apesar dos seus muitos benefícios, a investigação revela que os obstáculos à implementação da Educação Sexual decorrem muitas vezes de preconceitos sociais profundamente enraizados, particularmente aqueles enraizados em valores religiosos e numa perspectiva restritiva sobre o assunto devido ao medo da desaprovação dos pais. Além disso, há falta de confiança entre os educadores quando se trata de proporcionar educação sexual aos seus alunos. Considerando isso, fica evidente que envolver as famílias na conversa e proporcionar formação adequada aos professores são elementos cruciais para enfrentar os desafios identificados na pesquisa. Ao fazê-lo, os professores sentir-se-ão mais equipados e confiantes para ministrar uma educação sexual abrangente na sala de aula.

Embora não seja um requisito que os educadores possuam conhecimentos especializados no domínio da educação sexual, é crucial que possuam uma compreensão fundamental dos seus princípios científicos, a fim de reconhecer a sua importância no contexto educativo. Concordamos com as afirmações de Lara, Salgueiro, Puntel e Folmer (2015) de que, para superar os desafios enfrentados pelos professores ao abordar temas interdisciplinares, especialmente aqueles relativos à sexualidade, é imperativo que esses assuntos sejam abordados durante sua formação inicial.

E com os relatos obtidos percebeu-se que a necessidade de tornarmos a sexualidade um sinônimo de solução e não de problemática, tendo a educação sexual como fator gerador para isso, passando pela capacitação dos professores e envolvimento da comunidade, até chegarmos ao ponto em que toda sociedade desfrute desse processo educativo e conscientizador. Afinal, a educação, em seu contexto amplo, abre nossas mentes, liberta-nos de receios e do medo do

desconhecido, empoderando-nos para agirmos e tomarmos decisões e escolhas conscientes.

Ao concluir a nossa análise, enfatizamos a necessidade de mais pesquisas sobre Educação em Sexualidade, explorando especificamente as perspectivas dos professores sobre a sexualidade. É crucial proporcionar-lhes oportunidades de expressarem a sua necessidade de formação contínua e de abordagens sistemáticas, especialmente quando se trata de educar alunos de primeira infância.

## REFERÊNCIAS

BIÉ, A. P. A.; DIÓGENES, M. A. R.; MOURA, R. F. Planejamento familiar: o que os adolescentes sabem sobre este assunto? **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 19, n. 3, p. 125-130. 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual**. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília, 1998.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 1999.

FERNANDES, F.; LORENZETTI, L. A Educação Sexual nos anos iniciais: um estudo a partir de dissertações e teses. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v. 12, n. 1, 2019.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. Campinas, SP: Mercado das Letras; Londrina: Eduel, 2006.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 3.ed. rev. e atual. Londrina: Eduel, 2010.

FREUD, S. (1905). **Trois essais sur la théorie de la sexualité**. Paris, Gallimard, 1987.

FRISON, L. M. B. Desafios da orientação sexual no contexto escolar. **Ciências e Letras**, Porto Alegre, n. 32, jul/dez, 2002. p. 207-218.

GAGLIOTTO, G. M.; LEMBECK, T. Sexualidade e adolescência: a educação sexual numa perspectiva emancipatória. *Educere et Educare – Revista de Educação*, v. 6, n. 11, p. 1-18, 2011.

GAVIDIA, V. A construção do conceito de transversalidade. In: ÁLVAREZ, M. N. et al. **Valores e temas transversais no currículo**. Tradução por Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 15-30.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades: Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./abr. 1995.

GOMES, Romeu. **A análise de dados em pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 67-80.

GUIMARÃES. I. **Educação sexual na escola: mito e realidade**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

LAPLANTINE, F. **A descrição etnográfica São Paulo: Terceira Margem**, 2004.

LARA, Simone; SALGUIERO, Andréia Caroline Fernandes; PUNTEL, Robson; FOLMER, Vanderlei. Trabalhando a interdisciplinaridade com o tema transversal saúde na formação inicial de estudantes do curso normal. **Revista Ciências & ideias**. v. 6, n.2, p.116-134, jul/dez. 2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MAIA, A. C. B. **Sexualidade e deficiências no contexto escolar**. Tese de Doutorado em Educação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, Brasil, 2003.

MAIA, A. C. B. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 153-179.

MAIA, A. C. B., & Ribeiro, P. R. M.. Educação sexual: princípios para ação. **Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 15, n. 1, pp.75-84, 2011.

MAISTRO, V. L. A. **Projeto de orientação sexual na escola: seus limites e possibilidades**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem de sexualidade para além da transversalidade**. Campinas: Autores Associados, 2000.

OLIVEIRA, D. L. Sexo e saúde na escola: isto não é coisa de médico? In: Meyer, D. E. E. (Org.). **Saúde e sexualidade na escola: isto não é coisa de médico?** Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 97-109.

Parâmetros Curriculares Nacionais: **Pluralidade cultural e orientação sexual**. Temas transversais. (1997). (3a ed., Vol. 10). Brasília: MEC/SEF.

RADESPIEL, Maria. **Alfabetização sem segredos**: Temas Transversais/ Maria Radespiel- Contagem, MG: Editora IEMAR, 1998.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. A orientação sexual na escola e os Parâmetros Curriculares Nacionais. In:\_\_\_\_\_. (Orgs.). **Sexualidade e educação sexual**: apontamentos para uma reflexão. São Paulo/Araraquara: Cultura Acadêmica/Editora Laboratório Editorial FCL, 2002. p. 81-96.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

RIBEIRO, P. R. M. **Sexualidade e educação sexual**: Apontamento para uma reflexão (Série Temas em Educação Escolar, n. 4). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002.

SAITO, M. I. & LEAL, M. M. **Educação sexual na escola**. São Paulo, *Pediatria* 2000, 22(1) : 44-48.

SANTOS, C.; BRUNS, M. A. T. **A educação sexual pede espaço**: novos horizontes para a práxis pedagógica. São Paulo: Ômega, 2000.

SELLTIZ, Claire et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1967.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

XAVIER, C., F.<sup>a</sup> (2001). **A sexualidade nos livros infantis: A mediação no processo de educação sexual**. Campo Grande: UFMS/DED. Relatório final de pesquisa.

## APÊNDICES

### APÊNDICES I

#### CARTA DE ESCLARECIMENTO DA PESQUISA

Prezado(a) Participante,

É relevante considerar qual a opinião dos professores sobre as diferentes questões relacionadas à educação sexual. Desta forma, solicitamos ao professor(a) a colaboração neste estudo respondendo a essa entrevista. Destacamos que os dados apresentados nesta foram empregados na elaboração de uma monografia de graduação que tem por título: “Educação Sexual: desafios e possibilidades nas práticas de ensino na educação infantil”. O objetivo desta pesquisa é buscar compreender as possibilidades de ensino sobre educação sexual na Educação Infantil, investigar os desafios em sala de aula ao se trabalhar a educação sexual e também entender a formação/preparação dos professores para tratar da educação sexual em sala de aula.

Observamos ainda, que sua participação não envolverá qualquer custo ou compensação financeira, sendo garantida a liberdade de retirada de seu consentimento a qualquer momento, e também a de deixar de participar deste estudo.

Na oportunidade, esperamos contar com sua valiosa colaboração, e antecipamos os nossos mais sinceros agradecimentos.

Atenciosamente,

Tailane Santos Andrade

## APÊNDICES II

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo voluntariamente em participar do estudo realizado pela pesquisadora Tailane Santos Andrade, e de responder a entrevista. Autorizo a pesquisadora a utilizar os dados obtidos para a elaboração e divulgação da pesquisa. Recebi por escrito informações suficientes sobre o estudo. Estou ciente do objetivo do trabalho, de que esta pesquisa não ocasionará nenhum custo ou compensação financeira para mim, e sei também sobre a retirada de meu consentimento de participação, caso o deseje.

Assinatura do participante:

---

Declaração Eu, Tailane Santos Andrade, declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido desta pessoa para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável pelo estudo:

---



**APÊNDICES III - QUESTIONÁRIO DE DADOS**

1. Nome:
2. Idade:
3. Tem filhos?
4. Quantos filhos?
5. Qual a idade?
6. Escola que atua:
7. Tempo de atuação nesta escola:
8. Tempo de profissão (educação):
9. Turma que atua:
10. Ano de formação em Pedagogia:
11. Qual foi o local de formação em Pedagogia (instituição pública ou particular)?
12. Se foi em público, a universidade era municipal, estadual ou federal? E Se foi em particular, o curso era a distância ou presencial?

## APÊNDICES IV - ROTEIRO DA ENTREVISTA

- a. Durante a sua formação houve algum debate ou orientação sobre a educação sexual?
- b. Para você a Educação Sexual deve ser trabalhada desde a infância? Se sim, por quê?
- c. As crianças possuem muita curiosidade em relação ao seu corpo e aos dos colegas?
- d. Se sim, você tem alguma dificuldade para responder ou até mesmo falar sobre assuntos que estejam relacionados à sexualidade com seus alunos?
- e. Você como professora acha que tem muita resistência dos pais em relação a este assunto?
- f. Há algum projeto ou atividade em educação sexual na escola com os alunos e pais?
- g. Em sua opinião, como a gestão escolar pode contribuir para trabalhar a educação sexual em sala de aula?